



Celebrando os 100 anos da IPA: uma reflexão sobre o presente e o futuro

Cláudio Laks Eizirik, Porto Alegre*

O autor reflete sobre suas experiências recentes na IPA, relatando e discutindo características e episódios que lhe parecem específicos das instituições psicanalíticas. Sugere algumas possíveis maneiras de entendê-los e aponta para áreas que necessitam desenvolvimento.

Descritores: Instituição psicanalítica. IPA. Movimento psicanalítico.

* Psicanalista. Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Ao longo de 2010, praticamente todas as instituições psicanalíticas filiadas à IPA, bem como a própria associação internacional, estão celebrando, das mais variadas formas, este centenário. Não é fácil, para uma instituição desta natureza, manter-se, como ainda expandir-se ao longo de um século. Sabendo que os dados históricos têm sido devidamente mencionados nos vários trabalhos publicados nas revistas nacionais e internacionais, pretendo neste texto ater-me a algumas observações sobre a atualidade da IPA e os possíveis desafios que o futuro lhe reserva. Como recentemente examinei este tema (Eizirik, 2009), será inevitável lançar mão de algumas idéias já expostas. Não vou me ater apenas à instituição central, mas também lançar um certo olhar crítico às que são suas componentes, pois penso que há uma troca recíproca entre ambas instâncias, e o que somos capazes de construir ou destruir ao nível local alimenta ou é reciprocamente alimentado por processos semelhantes ao nível internacional.

A IPA é um bom exemplo de um permanente processo de transformação, oscilando entre a informalidade e a institucionalização, desde o pequeno grupo de vienenses que se encontrava na reunião das quartas feiras em torno de Freud, na Bergasse 19, até a fundação formal da associação internacional, em 1910, passando por sucessivos embates, ampliações, conflitos, até chegar ao ano de seu centenário, com seus 12000 membros espalhados em dezenas de países de três regiões geográficas, constituindo uma complexa trama de relações, atividades, estruturas e histórias que não cessam de se entretecer.

Dentre tantas invenções de Freud, a maioria delas tendo frutificado em várias direções, uma das mais complexas e ainda muitas vezes polêmica foi a IPA. Ao estabelecê-la, Freud foi muito claro quanto ao que tinha em mente:

Julguei necessário formar uma associação oficial porque temia os abusos a que a psicanálise estaria sujeita logo que se tornasse popular. Deveria haver alguma sede cuja função seria declarar: Todas essas tolices nada têm a ver com a análise; isto não é psicanálise. Nas sessões de grupos locais (que, reunidos, constituiriam a associação internacional) seria ensinada a prática da psicanálise e seriam preparados médicos, cujas atividades receberiam assim uma espécie de garantia. Além disso, visto que a ciência oficial lançara um anátema contra a psicanálise [...] achei que seria conveniente os partidários da psicanálise se reunirem para uma troca de idéias amistosa e para apoio mútuo. Isso, e nada mais, foi o que esperava alcançar com a fundação da Associação Psicanalítica Internacional. Mas tudo leva a crer que era querer demais (Freud, 1914, p. 57).





Numa recente releitura desse trecho de Freud, após quase um ano de ter terminado minha gestão na presidência da IPA, uma frase me chamou a atenção: *Achei que seria conveniente os partidários da psicanálise se reunirem para uma troca de idéias amistosa e para apoio mútuo.*

Que nos reunimos, reunimos; mas já não é tão claro o que significa hoje partidários da psicanálise, nem se predomina uma troca de idéias amistosa, nem o apoio mútuo. Sinto nessa passagem uma certa ingenuidade inicial, partindo da mente poderosa que havia esmiuçado totens e tabus, a psicologia das massas e a inevitável ambivalência das relações humanas. Mas logo Freud emenda com esta frase mais realista: *Mas tudo leva a crer que era querer demais.* Por que seríamos diferentes? Gostaria de examinar, assim, alguns aspectos que tenho observado neste longo percurso institucional, usando algumas experiências que possivelmente não ocorreriam em outras agremiações profissionais.

Ao traçar um quadro em que aspectos criativos e destrutivos se mesclam, naturalmente não tenho em mente nenhuma instituição psicanalítica em particular, mas, com efeito, em todas que visitei, nas três regiões, encontrei-os de forma invariável.

Se privilegio alguns aspectos, ao mesmo tempo não se pode deixar de fazer o reconhecimento das grandes realizações destes cem anos, mas procurando também uma atitude mais realista, que consiste em não negar alguns pontos críticos e sim procurar identificá-los, na esperança de que sejam enfrentados de forma conjunta. Afinal, não é outra a postura que adotamos em nosso trabalho diário com o sofrimento psíquico. Além disto, as atitudes laudatórias, tão comuns nas celebrações, não me parecem as mais analíticas, pois nosso propósito maior sempre costuma ser a busca das verdades possíveis, nem sempre agradáveis.

Um dos traços de nossas instituições (e de todas as instituições psicanalíticas, conforme relatos e testemunhos) que mais preocupa muitos colegas é uma certa intolerância com condutas, opiniões ou posicionamentos distintos da norma, da maioria ou do que se pode considerar a cultura predominante numa instituição, ou seus valores passados de uma geração a outra e que muitas vezes diferem conforme a latitude geográfica considerada. Observando situações que se apresentaram ao longo de minha gestão, ou das anteriores em que estive presente nas esferas executivas, quase invariavelmente os elementos éticos ou ideológicos ou mesmo políticos envolvidos pareciam servir para encobrir ou ser incrementados por disputas pessoais, rivalidades, rupturas de antigas e intensas relações afetivas, todas essas envolvendo um considerável componente narcisista.

Recentemente, numa imersão de uma semana numa sociedade de outro continente para conferências e supervisões, mais uma vez me deparei com uma



complexa situação institucional, que tinha todos os elementos descritos no parágrafo anterior, mais o fato de que a IPA estava sendo chamada para uma possível intervenção no conflito. Com a perspectiva de um olhar que vem de fora, foi possível identificar uma crise de relacionamento pessoal e de disputa pelo poder, com intensos elementos transferenciais envolvidos, cujos protagonistas procuravam encobrir através de supostas questões éticas e ideológicas. Como invariavelmente ocorre, algumas simplificações reducionistas eram utilizadas pelos grupos em disputa, aliás muito comuns nos meios analíticos: faltou análise ao Fulano; Beltrano é um exemplo de inveja maligna; Sicrano é um narcisista (ou psicopata, ou...) Tais simplificações aparentemente acalmam as intensas ansiedades despertadas em todos os participantes e servem, inutilmente, para tentar evitar o longo, doloroso e difícil processo de examinar uma situação complexa com seu cortejo de elementos históricos, políticos, culturais, emocionais, transferenciais, etc

Na situação que descrevi, ao meu ver o aspecto mais doloroso era que o clima de conflito arrastava os participantes a uma dissociação polarizadora que não lhes permitia ver nem se amparar no excelente nível de trabalho analítico que realizavam (e que ficou evidente nas diversas supervisões), nem no fato de que haviam construído juntos uma sociedade de reconhecida capacidade, num local que passara por violentos conflitos sociais e momentos de dramático perigo.

Outro aspecto problemático de nosso convívio institucional, relacionado de certa forma ao anterior, diz respeito à escuta do outro, não só quanto às diferentes teorias, como nas discussões clínicas e mesmo nas posturas institucionais, em que os argumentos contrários são ouvidos não como tais, mas como possíveis expressões de ataque ou inimizade. Algumas vezes observa-se que uma reunião transcorre num clima aparentemente amistoso, ou formal, sem maiores comentários ou críticas a um trabalho apresentado, para depois surgirem críticas ou observações irônicas nos corredores ou encontros sociais.

Uma contribuição relevante neste terreno da disponibilidade mental para uma real escuta decorre das idéias de Haydée Faimberg sobre a escuta da escuta, o mal-entendido e a telescopagem das gerações. Sendo um assíduo participante de seus fóruns clínicos, nos últimos anos, vejo nessa iniciativa um dos precursores do CAPSA, um programa que lançamos no início de nossa gestão e que representou, conforme múltiplas avaliações, um sopro de estímulo às discussões clínicas e ao intercâmbio entre as regiões. Não é infrequente observar discussões em que, como relata Green, cada expositor recita seu mantra teórico, ou seu credo, escuta polidamente (ou mesmo com certo fastio) argumentos distintos e novamente recita seu mantra e assim por diante.





Vou acrescentar a isto um comentário sobre a situação mais difícil que vivi em minha experiência no Board, mesmo antes de ser o presidente da IPA, mas que atingiu seu ponto crítico em minha gestão – as intermináveis, controvertidas e algumas vezes agressivas discussões sobre os três modelos de formação analítica, com uma polarização de opiniões e posições que levou a um clima de confronto e desconfianças recíprocas entre dois grupos que defendiam posições radicalmente opostas. Embora internamente posicionado, minha função exigia um certo equilíbrio e a condução do processo num nível civilizado e de respeito mútuo. Havia no ar, e mesmo eram manifestadas, ameaças de uma desintegração, ou *splitting* da IPA, caso uma solução ou outra fosse adotada. Finalmente, num dramático *turning point*, foi possível, na reunião do Board, em Berlim, em julho de 2006, aprovar o reconhecimento dos três modelos e iniciar o processo de regulamentar as possíveis trocas de modelo e outras situações que esta complexa novidade criou.

De onde provirão tantas paixões, mágoas, ambições, frustrações, ressentimentos, desejos, prazeres satisfeitos ou frustrados?

Penso que a natureza única de nossas instituições, neste ponto inevitavelmente distintas de todas as outras, reside na presença da transferência e das intensas relações estabelecidas em cada análise e em sua natureza de réplica das estruturas familiares. Assim, em cada instituição, dentro dos marcos de sua cultura específica e dentro de uma história construída ao longo das décadas, o grupo de analistas, e cada membro em particular, deve lidar, em sua mente, com as sucessivas identificações, transferências intergeracionais, a relação de cada um com Freud e outros pioneiros e sua própria trajetória institucional. Em muitas ocasiões, a eclosão de controvérsias que se transformam em cisões ou dolorosas separações pessoais ou grupais expressam ora a vitória da pulsão de morte e da compulsão à repetição de passados traumas, ora uma tentativa de se aferrar e defender até a morte aquilo que parece ser a expressão de um genuíno amor à psicanálise ou aos autores, colegas ou analistas que de forma real ou fantasiada a personificam naquele momento ou naquele conflito. Olhando para o passado recente, penso que se pode entender muitos de nossos candentes conflitos, como o dos três modelos de formação, como decorrentes dessa dinâmica grupal, que num certo momento produz uma espécie de cegueira coletiva, para noutro surgir de novo a possibilidade de um diálogo e mesmo o encontro de soluções criativas, que é o que felizmente predomina na maioria dos casos.

Outra questão que me intriga é esta: que objeto interno é a IPA na mente dos analistas? Logo que iniciei minha gestão, ao proferir a aula inaugural do Instituto da SBPRJ, perguntei-me: que estranho ser é esse, umas vezes percebido



como perseguidor, outras como cobrador, outras como incômodo intrometido na vida de sociedades ou analistas, algumas como inspirador e, talvez, mais do que tudo, como um ser distante e incompreensível em sua estrutura, funcionamento e propósitos.

É possível que as palavras de Freud contenham também um tom superegótico ou sejam assim percebidas, como muitas das funções necessárias a uma associação desse porte. É também possível que eventos vividos em cada sociedade, ou cisões traumáticas, ou conflitos passados herdados por novas gerações reforcem essa imagem de objeto interno perseguidor.

No nosso trabalho diário, e em nossa condição de analistas, carregamos essa família ampliada, e nossos pacientes acompanham essa relação interna, assim como todos os filhos gostam de saber e ouvir repetidas vezes as histórias das famílias.

Conhecer as histórias, saber dos conflitos, examinar os alcances e os problemas, acompanhar os desafios e ter a possibilidade de participar dos eventos atuais e de suas tentativas de solução possível – eis algumas maneiras de nos apropriarmos de nossas relações com nossos objetos internos e de nossa novela profissional. Após ter estado em contato estreito com esse estranho ser ultimamente, tenho aprendido que é possível conviver com ele em termos relativamente amistosos, em especial quando se tem consciência dessa relação inevitavelmente ambivalente e se busca conhecer mais de uma estrutura complexa. Talvez seja esperar demais, mas é possível imaginar que esta experiência de muitos analistas de nossas três regiões possa ser ampliada e que a troca de idéias amistosa e o apoio mútuo tornem-se mais intensos e efetivos para fazer face a tantos desafios comuns.

Penso ser oportuno, já que a experiência ainda está relativamente vívida na mente, um breve comentário sobre a trajetória de um analista brasileiro dentro das entranhas desse ser, chegando ao ponto de presidi-lo. Além de algumas dificuldades inevitáveis, como o manejo de outras línguas e uma certa tendência terceiro-mundista para a autodepreciação, tão bem descrita pelo implacável cronista Nelson Rodrigues como “o complexo do vira-latas”, a excelente articulação desenvolvida entre grupos de representantes europeus pode ser usada como uma espécie de rolo compressor em alguns ou muitos momentos. Todos esses fatores são misturas de realidades e fantasias persecutórias, mas nenhum deles em particular nem seu conjunto o impediu de exercer plenamente o cargo e atingir praticamente todos os objetivos propostos. Além disto, a possibilidade de conviver com colegas de distintas latitudes, de propor e desenvolver projetos inovadores, de possibilitar uma presença e participação dos analistas latino-americanos sem



precedentes em todos os níveis, de tomar parte em novas fronteiras, como o ILAP, o início da formação analítica na China, a atividade na ONU sobre os 150 anos do nascimento de Freud, uma série de novos comitês, a expansão da formação no leste europeu, a introdução de um novo website, o pioneiro congresso do Rio, o emocionante congresso de Berlim, a despedida no congresso de Chicago constituem um poderoso estímulo ao sentimento de mundo, de que falava o poeta Drummond – sentimento que é compartilhado por muitos colegas.

Voltemos agora nossos olhos para o futuro e tentemos vislumbrar alguns dos desafios que temos a enfrentar, naturalmente baseados no que a experiência passada e presente nos ensinou. Embora em gestões anteriores e na nossa muitos desenvolvimentos tenham ocorrido e continuem a ocorrer, gostaria de formular tais desafios como perguntas abertas, lembrando sempre a frase de Blanchot, tão usada por Bion, de que a resposta é a desgraça da pergunta:

1. como formar novos analistas que sejam capazes de desenvolver um pensamento independente e crítico, sem se atrelar a filiações pessoais ou teóricas, mas buscando encontrar sua própria voz, estilo e forma de serem analistas?

2. *como estimular pessoas mais jovens e talentosas a se interessar pela psicanálise, num mar de tantas terapias e incontáveis pseudoformações e num mundo em que a noção de mente parece perder espaço?*

1. como abrir espaço e estimular colegas mais jovens a ocuparem posições administrativas e de ensino, sem desconsiderar a experiência e o longo percurso dos colegas *seniors*?
2. como encontrar uma voz e uma linguagem que nos permitam dialogar com a cultura, a universidade, a saúde, os governos e a população sem jargões nem simplificações excessivas, mas através de uma conversa de fato a dois?
3. como continuar estimulando a produção psicanalítica, em especial dos centros menos tradicionais, como a América Latina, a Itália, a Alemanha, os países escandinavos e asiáticos, sem deixar de escutar os centros mais hegemônicos, ao mesmo tempo que ensinamos a eles a difícil tarefa de escutar respeitosamente?
4. como incluir o continente africano no mundo psicanalítico?
5. como organizar e estabelecer uma quarta região geográfica na IPA, incluindo as inúmeras entidades que já existem e estão em construção na Ásia?
6. como manter, desenvolver e fortalecer o pluralismo teórico e as distintas maneiras de escutar o paciente e principalmente os colegas?
7. como encontrar formas mais democráticas, inclusivas e participativas



- em nossas instituições, valorizando o mérito, a capacidade de pensar, os talentos naturais para as tarefas administrativas e de ensino?
8. como aumentar a presença de nossas instituições no espaço público, tornando-nos reais interlocutores nos assuntos relevantes e candentes da cidadania, da política, da ecologia, da saúde, do ensino ?
 9. como aumentar a presença de nossas instituições dentro das mentes de seus próprios membros, de tal forma que sintam por elas mais orgulho do que vergonha, mais esperança do que desalento, mais sentimento de nós do que de eles?

Por fim, enfatizando algo que procurei, dentro do possível, destacar e estimular ao longo de 4 anos e que constitui aquilo no qual firmemente creio que permitirá que a IPA e seus membros e sociedades possam de fato ter um futuro criativo e com vitalidade, penso que esse futuro será construído a cada dia dentro de cada sala de análise, na medida em que possamos trabalhar analiticamente com nossos pacientes e acompanhá-los, “na difícil, dancerosíssima viagem de si a si mesmo... descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas a perene, insuspeitada alegria de con-viver”. (Drummond, 1974, p. 21-22). □

Abstract

Celebrando os 100 anos da IPA: uma reflexão sobre o presente e o futuro

The author reflects on his recent experiences with the IPA, reporting and discussing some trends and situations that seem to be specific to analytic institutions. He then suggests possible ways of understand them and points out to areas in need of further developments.

Keywords: Psychoanalytical association. IPA. Psychoanalytical movement.

Resumen

Celebrando los 100 anos de la API: una reflexión sobre el presente y el futuro

El autor reflexiona sobre sus recientes experiencias en la IPA , relatando y discutiendo características e situaciones que a su juicio son específicas de la instituciones psicoanalíticas. Sugiere algunas posibles maneras de entenderlas y subraya algunas áreas que se necesita desarrollar.



Palabras llave: Institución psicoanalítica. IPA. Movimiento psicoanalítico.

Referências

- DRUMMOND, C. D. (1974). O homem, as viagens. In: *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: José Olympio. p. 21-22.
- EIZIRIK, C. L. (2009). Sobre os cem anos da IPA: entre a informalidade e a institucionalização. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 43, n. 4, p. 33.
- FREUD, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio: Imago, 1969. p. 57.

Recebido em 03/03/2010

Aceito em 24/03/2010

Cláudio Laks Eizirik

Rua Marquês do Pombal, 783/307
90540-001 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: ceizirik.ez@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA